Revista de Estud(i)os sobre Fichte

5 | 2012
Verano/Verão 2012

Doutrina da Ciência e Filosofia Transcendental: Fichte em face de Kant

Marco Ivaldo

Tradutor: Agemir Bavaresco, Danilo Vaz-Curado R. M. Costa, Paulo Roberto Konzen e Greice Ane Barbieri

OpenEdition Journals

Edição electrónica
URL: http://journals.openedition.org/ref/254
DOI: 10.4000/ref.254
ISSN: 2258-014X

Editora
EuroPhilosophie Editions

Refêrencia eletrónica
Marco Ivaldo, « Doutrina da Ciência e Filosofia Transcendental: Fichte em face de Kant », *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 5 | 2012, posto online no dia 01 janeiro 2013, consultado o 08 setembro 2020. URL : http://journals.openedition.org/ref/254 ; DOI : https://doi.org/10.4000/ref.254

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 setembro 2020.

© EuroPhilosophie

Doutrina da Ciência e Filosofia Transcendental: Fichte em face de Kant

Marco Ivaldo

Tradução : Agemir Bavaresco, Danilo Vaz-Curado R. M. Costa, Paulo Roberto Konzen e Greice Ane Barbieri

NOTA DO EDITOR

Tradução: Agemir Bavaresco (PUCRS), Danilo Vaz-Curado R.M. Costa (UNICAP/UFRGS), Paulo Roberto Konzen (UFRGS) e Greice Ane Barbieri (UFRGS). NT.: O presente texto apareceu pela primeira vez, sob o título de *Dottrina della Scienza e filosofia trascendentale: Fichte di fronte a Kant,* in: G. MICHELI & G. SANTINELLO (eds.) *Kant a due secoli dalla "Critica"*, Brescia: La Scuola, 1984, pp. 223-232.

1 1. O objeto das reflexões que seguem não é uma reconstrução historiográfica do desenvolvimento das relações entre Fichte e Kant[1], mas uma análise da recepção teórica por parte de Fichte da ideia de filosofia transcendental formulada por Kant, como também da elaboração que tal ideia conheceu na doutrina da ciência fichteana (*Wissenschaftslehre*).

2 Na introdução à primeira *Crítica*, Kant afirma usar transcendental para « todo conhecimento que se ocupa não de objetos, mas do nosso modo de conhecimento dos objetos mesmo que este deve ser possível a priori. Um sistema de tais conceitos – continua Kant – se chamaria Filosofia Transcendental. Uma tal ciência [deveria] conter inteiramente tanto o conhecimento analítico quanto o sintético a priori »[2]. Kant se fixa – como momento preparatório da elaboração de uma filosofia transcendental como doutrina – em investigar criticamente a nossa faculdade cognoscitiva para mostrar quais são as ações necessárias à atuação do conhecimento. Ele estava persuadido que esta passagem de radical desprezo crítico fosse condição da refutação de todo

dogmatismo não científico e fosse em função da elaboração de um saber sistemático dos princípios do intelecto. Na ideia kantiana de filosofia transcendental é indicado um conceito de filosofia – que é de fato o mesmo da Wissenschaftslehre –, no qual, segundo Reinhard Lauth, vem sustentada a « posição de uma unidade entre gnosiologia e metafísica que em nenhum caso é lícito dissolver »[3]. Por causa de tal unidade, não deve ser filosoficamente afirmado nada do qual não se possa mostrar o modo no qual é vindo ao conhecimento isto que é afirmado.

3 É importante observar como a perspectiva transcendental abre uma problemática filosófica diversa daquela tradicional da teoria do conhecimento. A perspectiva transcendental não põe o problema do saber sobre o plano das pesquisas das relações entre sujeito e objeto, cognoscente e conhecido (e da congruência e da correspondência entre eles), mas sobreleva o problema das condições de tais relações. A pergunta da filosofia transcendental versa sobre as condições de atuação e de funcionamento da necessária relação entre saber e ser, sobre os fundamentos a priori da congruência e da correspondência entre o conhecimento e o objeto do conhecimento. Como é suposto e implicado desde a unidade entre gnosiologia e metafísica, o plano da filosofia transcendental é aquele de uma ontologia do saber, plano ulterior e fundador a respeito daquele da teoria do conhecimento como análise da relação sujeito-objeto[4]. Semelhante ontologia comporta a afirmação do caráter fenomênico (ou seja, não absoluto) do domínio da experiência, da qual são buscadas as condições a priori, e implica o reconhecimento da unidade profunda da razão, teórica e prática, e aquele, ligado, da unidade entre o mundo fenomênico e o mundo noumênico. É por este motivo que a especificidade do ponto de vista transcendental, dentro da constituição do pensamento kantiano, é alcançável apenas com a advertência da conexão profunda e articulada que existe entre as três críticas.

4 2. A linha da filosofia transcendental que liga entre si, também nas diferenciações específicas, Kant e Fichte, é a mesma linha que, a meu ver, diferencia a recepção fichteana de Kant daquela de outros contemporâneos, continuadores e intérpretes ou mesmo críticos de Kant. Estes últimos de fato – se pensarmos em Reinhold, Aenesidemus-Schulze, Maimon, Beck – privilegiando o papel da primeira *Crítica* em relação às outras, terminaram por interpretar a perspectiva transcendental à luz das preocupações suscitadas pelos esquemas do pensamento pré-kantiano. O ponto de vista dentro do qual vêm, por eles, sendo discutido e lido Kant foi, ainda, aquele da teoria do conhecimento e não aquele da nova ontologia do saber proposta pelo transcendentalismo. É devido a isto o insistente retornar de tais autores sobre os problemas tais como a interpretação em sentido *idealístico* ou *realístico* dos conceitos fundamentais de Kant (em particular do conceito de 'coisa em si') ou o problema da *dedução da representação* ou o problema de encontrar um *primeiro princípio*, do qual dedutivamente seja possível ordenar e sistematizar os elementos e os materiais da filosofia crítica (problema este último, na verdade, que Fichte divide com Reinhold, mas que o resolve de modo assaz diverso de Reinhold, através da pesquisa de um princípio não apenas da razão teórica, mas que fosse fundamento comum da razão seja teórica ou prática, e o resolve, isto é, precisamente ultrapassando o registro estritamente cognoscitivo-teórico).

5 É possível sustentar que Fichte recepciona e interpreta Kant movendo-se a partir de preocupações filosóficas que são diferentes daquelas dos seus contemporâneos, e que o põe na linha de um prolongamento crítico da perspectiva transcendental. O horizonte

do pensamento dentro do qual Fichte lê e acolhe a novidade da posição de Kant, é aquele aberto desde a postulação do *primado da razão prática*, ou seja, do reconhecimento do papel central que compete à liberdade na filosofia crítica. É portanto a problemática da *Crítica da Razão Prática* que inaugura e sela o encontro de Fichte com Kant. Mas Fichte, desde o início, revê esta problemática ética dentro de uma mais ampla perspectiva filosófica; ele põe o acento sobre a questão da possibilidade de manifestações da liberdade no mundo sensível e é induzido, consequentemente, a elevar o problema da fundação de uma unidade e de uma inter-relação entre o mundo noumênico da liberdade e o mundo fenomênico da necessidade e, correlativamente, entre a parte prática e a parte teórica da filosofia. Mas esta é a mesma problemática da *Crítica do Juízo* que vem, portanto, a assumir um significado central e decisivo no determinar a recepção fichteana de Kant e no orientar o processo mesmo de constituição do pensamento de Fichte[5]. O influxo da terceira *Crítica* é detectável de muitos lugares da produção fichteana nos anos que precederam e que são concomitantes com a publicação do *Grundlage der gesammten Wissenschaftslehre* (1794-5), ou seja, da obra que apresenta a fundação do sistema. Por exemplo, a *Eigne Meditationen über Elementarphilosophie* e a *Practische Philosophie* – que são colocadas entre o fim de 1793 e o início de 1794 e que documentam o processo gerativo e formativo da doutrina da ciência – têm a problemática estética e teleológica da *Crítica do Juízo* como fundamental objeto de reflexão[6]. Revela a influência dos temas da terceira *Crítica* também as indagações sobre a ideia da cultura como âmbito mediador entre o mundo sensível e a ordem suprassensível da liberdade presente na *Kritik aller Offenbarung* e nos escritos políticos sociais de 1793, e desenvolvida na *Einige Vorlesungen über Bestimmung des Gelehrten* (1794). É legítimo, em definitivo, afirmar que Fichte acolhe a ética de Kant, mas reelabora os materiais dentro da visão mais compreensiva sugerida pela *Crítica do Juízo*: o tratamento da *filosofia prática* e do primado da liberdade é influenciado e orientado de fato pela pesquisa sobre a *raiz comum* entre natureza e liberdade e sobre a relação entre mundo sensível e metassensível. É, portanto, e precisamente dentro desta mais ampla visão (transcendental-ontológica) que vem recebida e afrontada por Fichte a temática da *Crítica da Razão Pura*, ou seja, aquela temática propriamente cognoscitiva-teórica que conduzia a reflexão e o debate filosófico entre os continuadores e críticos de Kant.

6 Precisa-se de tal modo a diferença de recepção de Kant existente entre Fichte e o conjunto dos pensadores e dos estudiosos kantianos e antikantianos a ele contemporâneos. Estes últimos privilegiam a leitura e a discussão da primeira *Crítica*, que lhes induz a interpretar e a avaliar a filosofia transcendental como proposta de uma teoria do conhecimento e, consequentemente, a deter-se no tratamento dos problemas gnosiológicos da razão teórica. A leitura diversa, se poderia dizer *subversiva* que Fichte efetua das três Críticas, requer de Fichte mesmo ver no transcendentalismo kantiano a proposição – se bem que necessitada de complementação quanto à demonstração dos princípios – de uma superior filosofia que conecte em uma unidade a parte teórica e a parte prática. Em tal filosofia, o problema do saber é elevado do plano cognoscitivo-teórico ao plano ontológico, ou seja, do plano da análise das relações entre sujeito e objeto ao plano dos fundamentos de tais relações, fundamentos que são, juntos, princípios seja da razão teórica, seja da razão prática. Esta posição de Fichte se revela com evidência na sua crítica à pretensão reinholdiana de elevar o *princípio da consciência* a fundamento da filosofia, crítica exposta por Fichte na *Recensão ao Aenesidemus* (1792). Ele sustenta que não é o *fato da consciência*, mas um originário *ato* do

eu (*Tathandlung*) o princípio da filosofia. A síntese entre sujeito e objeto dada na representação vale como determinação da consciência empírica e pertence, portanto, ao domínio teórico-cognoscitivo da filosofia. Mas a síntese pressupõe uma tese, o fato pressupõe um ato, a consciência representativa requer uma fundação transcendental de si mesma, que Fichte achou numa originária atividade do eu, que por um lado não cai na representação e que, por outro lado, torna possível a relação sujeito-objeto e, portanto, todo o sistema da consciência. Na linha do transcendentalismo kantiano – também com específica e autônoma preocupação de sistematicidade e de unidade da filosofia –, Fichte procura aquilo que Kant definiu como *as condições a priori de possibilidade* da experiência.

7 Esta continuidade de profundas intenções especulativas, para além das diferentes articulações sistemáticas e das diversas formulações, é sublinhada por Fichte várias vezes. Um ponto assaz representativo está presente na *Zweite Einleitung in die Wissenschaftlehre* (1797), onde Fichte comenta a noção kantiana de apercepção pura. Segundo a lógica transcendental exposta na primeira *Crítica*, o princípio supremo da possibilidade de toda intuição em relação ao intelecto é: « que cada multiplicidade submeta-se às condições da unidade originária da apercepção »[7]. Kant fala de condições, no plural, mas para Fichte trata-se na realidade de indicar uma condição fundamental (*Grundbedingung*) que Kant mesmo enuncia pouco antes: condições fundamentais da unidade originária da apercepção é que cada representação nossa possa ser acompanhada pelo eu penso. Ora, o eu penso – observa Fichte – não pode absolutamente ser identificado com a consciência da própria individualidade que permanece a mesma mesmo pensando diferentes pensamentos. O eu não é a consciência empírica, mas, precisamente, o que a torna possível. A explicação disto Fichte envia ao texto kantiano segundo o qual a representação eu penso « é um ato da espontaneidade, isto é, não pode ser considerada como pertencendo à sensibilidade. Eu a chamo – continua Kant – apercepção pura, para distingui-la da empírica, ou também originária, posto que é aquela autoconsciência que, enquanto produz a representação: eu penso – que deve poder acompanhar todas as outras e é em cada consciência única e idêntica, – não pode mais ser acompanhada de nenhuma outra ». Observa Fichte como Kant elabora neste percurso o conceito de pura autoconsciência e de eu puro, o qual se encontra em relação com a consciência empírica, na relação de condição (de possibilidade) a condicionado. Kant propôs – a juízo de Fichte – o programa filosófico da dedução sistemática do inteiro sistema da consciência do eu puro, como necessária atividade pré-consciente da razão no rigorosamente distinguir-se das ações da subjetividade empírica, que se detém pelo contrário num *idealismo transcendente e dogmático*. A doutrina da ciência constitui precisamente, segundo Fichte, a realização deste programa do qual Kant concebeu a ideia.

8 3. Os elementos delineados em relação à leitura e à recepção fichteana de Kant exigem ser integrados numa consideração da tomada de posição teórica compreensiva de Fichte em respeito ao pensador de Königsberg. Isto permitiria clarificar o tipo de desenvolvimento especulativo que a doutrina da ciência – internamente à perspectiva geral do transcendentalismo – imprimiu na filosofia crítica de Kant.

9 É possível sintetizar a tomada de posição teórica de Fichte em relação a Kant segundo três direções fundamentais. Em *primeiro lugar* – como já se acenou – Fichte sublinha em numerosas passagens e evidencia a fundamental concordância da própria doutrina com a filosofia de Kant, seja acerca da ideia fundamental do transcendentalismo, seja acerca

da posição específica de Kant mesmo. Em *segundo lugar*, Fichte põe em evidência a incompletude, sob o perfil fundador e sistemático do pensamento kantiano: Kant teria alcançado justos resultados filosóficos, sem todavia conseguir deduzi-los demonstrativamente e os expor numa sequência especulativa orgânica e ordenada. Nas três Críticas, a filosofia transcendental seria pelo contrário concebida numa ideia realizada e plenamente desenvolvida. Brota disso a terceira característica da tomada de compreensão compreensiva de Fichte com respeito a Kant: Fichte atribui a si mesmo a obrigação de remediar a incompletude da filosofia de Kant procedendo a uma adequada fundação e sistematização da perspectiva transcendental, não sem liberar o pensamento kantiano de alguns limites teóricos dos quais, segundo Fichte, ele era ainda prisioneiro. Em definitivo, para Fichte, a doutrina da ciência não representa nem a superação, nem uma outra filosofia em relação à filosofia transcendental. A doutrina da ciência é ao contrário a mesma filosofia transcendental conduzida a sistema e clarificada nos seus princípios intrínsecos.

10 Um texto através do qual é possível seguir a articulação teórica desta tomada de posição de Fichte em relação a Kant é a exposição da doutrina da ciência efetuada em Berlim na primavera de 1804, em particular as primeiras quatro lições dedicadas aos *prolegômenos* do sistema. Vale recordar como esta exposição da doutrina da ciência detém um papel absolutamente central no pensamento de Fichte e inclusive indispensável para compreender a ideia global de filosofia.

11 A doutrina da ciência move-se desde um pressuposto – a verdade – e realiza a intelecção genética e reflexiva de tal pressuposto. A sua tarefa – que coincide em definitivo com a tarefa de toda autêntica filosofia – é aquela de « expor a verdade« [8]. Sendo a verdade definida como « a absoluta unidade e imutabilidade da opinião », a essência da filosofia consiste no reconduzir a esta « unidade absoluta toda multiplicidade », ou seja, tudo « que pode ser feito objeto de uma distinção, que tem seu oposto e correlato »[9]. O filósofo « concebe o múltiplo através do uno e, reciprocamente, o uno através do multíplice; isto significa que a unidade = A [absoluto] lhe aparece como princípio da multiplicidade e, vice-versa, que os múltiplos possam ser concebidos na sua razão de ser apenas como princípios de A [absoluto] »[10].

12 Se a « exposição do absoluto », como absoluta unidade e princípio dos múltiplos, é tarefa comum às filosofias (e portanto também à doutrina da ciência), a diferenciação entre as filosofias consistirá na sua concepção de absoluto. Disto ocorre acrescentar que, será verdadeira aquela filosofia que visar o verdadeiro absoluto e falsa aquela filosofia que trocar o absoluto por isto que, na realidade, é apenas um relativo e um múltiplo.

13 Emerge neste ponto, segundo Fichte, a peculiaridade e a diferença específica da visão transcendental do absoluto iniciada por Kant e continuada por Fichte, com relação às filosofias precedentes e com referência aos seguidores de Kant ou aos pretensos *aperfeiçoadores* da doutrina da ciência (a alusão é a Schelling e a Bardili). Até Kant, no juízo de Fichte, o absoluto foi posto no ser entendido como coisa, mera objetividade em si. Em uma visão análoga – e unilateral – do absoluto recaem também aqueles comentadores ou continuadores de Kant que afirmam querer partir do eu (e não da coisa), mas objetivam o eu e o concebem como consciência em si. Pela perspectiva transcendental o absoluto não se identifica nem com a coisa em si, nem com a consciência em si. Cada um, na verdade, que rigorosamente reflete dá-se conta que o ser supõe sempre uma consciência do ser mesmo. A unidade absoluta deve, portanto,

ser reconhecida no princípio da unidade e da inseparabilidade do ser e da consciência, princípio que é, contemporaneamente, àquele da sua disjunção. Este princípio foi descoberto por Kant, que é, por consequência, para Fichte, o fundador da filosofia transcendental. « A doutrina da ciência – de sua parte – é a filosofia transcendental como filosofia kantiana, em tudo a ela semelhante ao pôr o absoluto nem na coisa, como tem ocorrido até agora, nem no saber subjetivo, coisa que é propriamente impossível – dado que com aquele que reflete sobre o segundo termo deveria ter certamente também o primeiro – mas na unidade de ambos »[11].

14 Não tem inteiramente compreendido a orientação fundamental da doutrina da ciência (e portanto da filosofia transcendental) quem retém que ela ponha o absoluto no pensamento ou na consciência, reduzindo-a a um idealismo do eu em si. Mas, compreende mal o significado da doutrina da ciência mesma quem também se propõe a completá-la através da elaboração de uma *filosofia da natureza* que ela – enquanto pretensa doutrina do eu – não conteria. O princípio da doutrina da ciência é aquele da unidade transcendental (ser mais consciência), a partir da qual é possível desenvolver do ponto de vista crítico um sistema do mundo sensível e do mundo inteligível. Vale relembrar como é encerrado nesta perspectiva o núcleo teórico da resposta fichteana não apenas aos seguidores de Kant, mas também aos críticos de Schelling e do Hegel da *Differenz des Fichte'schen und Schelling'schen Systems der Philosophie*.

15 Até aqui, há unidade do programa transcendental de Fichte e Kant. Fichte, todavia, retém que Kant mesmo não tenha conseguido assegurar à filosofia transcendental uma unidade sistemática e uma fundação adequada. Kant, a juízo de Fichte, compreendeu bem o princípio absoluto como ligação indissolúvel entre ser e pensamento (pelo qual Kant é verdadeiro fundador do transcendentalismo), mas não o concebeu na sua autonomia em si e para si. Na filosofia crítica o absoluto é pensado apenas como determinação fundamental ou como acidente das suas três modificações originais: experiência sensível (na *Crítica da razão pura*), mundo moral (na *Crítica da razão prática*), e elo entre experiência sensível e mundo moral na intuição do belo, do sublime e da finalidade (na *Crítica do juízo*). De tal modo, todavia, comenta Fichte, o único absoluto cinde-se em três absolutos, comprometendo a unidade e a fundação da filosofia transcendental.

16 Mesmo na introdução à *Crítica do juízo* – onde Kant produziu a suprema tentativa para assegurar a unidade ao sistema – o princípio da « comum, mas completamente insondável raiz » do mundo sensível e do mundo inteligível constitui no fundo a exposição de um terceiro absoluto impenetrável, que subsiste para si em modo separado dos outros princípios e que não consente a uma compreensão mediata de sua derivação dele.

17 A filosofia crítica de Kant se atém à evidência fática. Esta pretende reconstruir a unidade de suas disjunções: seu procedimento é aquele de querer uma síntese a priori, mas praticar uma síntese *post factum*.

18 A doutrina da ciência, segundo Fichte, realiza aquela síntese a priori que reside na intenção profunda do transcendentalismo e que Kant não conseguiu elaborar explicitamente. Trata-se de uma síntese que é em conjunto uma análise, enquanto exibe em conjunto o fundamento da unidade e da disjunção. A unidade não é postulada (como em Kant), mas penetrada na sua qualidade interna pelo princípio da disjunção. A doutrina da ciência conquista a evidência genética. « A visão com a qual ela inicia e na qual consiste sua essência como doutrina da ciência em oposição ao kantismo não é

absolutamente a visão da divisão em S [ser] e D [pensamento] (...) nem a visão da divisão em x [experiência sensível], y [unidade estético-teleológica entre sensível e moral], z [mundo moral] (...), mas a visão da imediata inseparabilidade de ambos os modos do dividir-se. Por isso (nela) ambas as divisões são suprimidas não imediatamente (...) mas apenas mediatamente, através da superior visão da sua unidade »[12].

19 É possível neste ponto indicar a forma de conceitualização especificamente própria da doutrina da ciência. Ela não propõe uma visão direta do absoluto nem constitui uma exposição do desenvolvimento lógico-histórico do absoluto mesmo (aqui consiste, em meu entender, a diferença entre Fichte e Jacobi ou Hegel). A doutrina da ciência é a reconstrução reflexiva da gênese das disjunções da unidade absoluta. Ela não se instala puramente e simplesmente na unidade (isto que daria origem a um novo dogmatismo), nem acolhe as disjunções sem interrogar-se acerca da sua gênese e perpetrando de tal maneira uma ilegítima absolutização da empiria. Ela é compreensão da gênese das disjunções da unidade e da unidade no seu articular-se no múltiplo. A sua é uma afirmação mediata do absoluto, obtida através da reconstrução da sua *Erscheinung*, como saber, ou consciência. Autocompreensão reflexiva da *Erscheinung* (ou seja, o saber do saber) é, em conjunto, atestação indireta do *outro* do saber, do inconcebível (para o saber) que é origem e fundamento do saber mesmo. Em seu conjunto, a exposição de 1804 mostra o modo no qual do ponto da unidade e diferença entre absoluto e *Erscheinung*, nos elevamos redutivamente da fenomenologia da consciência à doutrina da verdade do absoluto como *actus*, ele em mero *actu*, e, sucessivamente, descemos de modo dedutivo da evidência do absoluto à fundação da *Erscheinung* mesma. Este movimento ascendente/descendente é efetuado pela doutrina da ciência não se exilando da reflexão e da consciência, mas através da sua mediação. Deriva desta impostação crítica a tensão extrema que percorre a articulação e que é atestação da fidelidade da doutrina da ciência mesma, seja no ponto de vista da reflexão e do espírito finito, peculiar do transcendentalismo de Kant, seja naquela exigência de orientação e de fundação ontológica que Fichte entendia dever imprimir ao transcendentalismo mesmo.

NOTAS

1. Tais relações são discutidas e tratadas em muitos lugares da literatura fichteana e da historiografia sobre filosofia clássica alemã. Instrumentos essenciais para seguir este desenvolvimento estão no epistolário de Fichte: J. G. Fichte, *Briefwechsel*, recolhido e sob organização de H. Schulz, Leipzig: Haessel, 1925 [Hildsheim: Olms, 1967]; e a biografia de Fichte devida a X. LEON, *Fichte e seu tempo*, Paris: Colin, 1922-7, 1954-9. Uma recente, eficaz e sintética reconstrução histórico-teórica é aquela de M. ZAHN, *Fichtes Kant-Bild*, in: K. HAMMACHER & A. MUES, *Erneuerung der Transzendentalphilosophie in Anschluss an Kant und Fichte - Reinhard Lauth zum 60º Geburtstag*, Stuttgart/Bad Cannstatt: Frommann Holzboog, 1979, p. 479-505.
2. KrV A 12/B 25.

3. R. LAUTH, "Die grundlegende transzendentale Position Fichtes", in: K. HAMMACHER (ed.) *Der transzendentale Gedanke. Die gegenwärtige Darstellung der Philosophie Fichtes*, Hamburg: Felix Meiner, 1981, p. 18.

4. Veja-se nesta chave de interpretação, M. J. SIEMEK, "Fichtes Wissenschaftslehre und die kantische Transzendentalphilosophie", in: *Der transzendentale Gedanke*, p. 524-31.

5. Uma nítida e profunda reconstrução teórica da leitura fichteana de Kant está contida em L. PAREYSON, *Fichte. Il sistema della libertà*, II, ed. aumentada, Milão: Mursia, 1976, p. 76-80.

6. Sobre este ponto veja-se a ampla pesquisa de F. MOISO, *Natureza e cultura no primeiro Fichte*, Milão: Mursia, 1979. Permanece fundamental, para o conhecimento da importância e do significado da *Eigne Meditationen* no processo de constituição da *Wissenschaftslehre* o estudo de R. LAUTH, "Gênese do *Fundamento de toda a doutrina da ciência* de Fichte a partir de suas *Meditações Pessoais sobre Filosofia Elementar*", in: *Archives de Philosophie*, XXXIV (1971), p. 51-79.

7. KrV B 136.

8. J. G. FICHTE, *Die Wissenschaftslehre. Zweiter Vortrag im Jahre 1804 vom 16. April bis 8. Juni*, aos cuidados de R. Lauth e J. Widmann, Hamburg: Felix Meiner, 1975, p. 7 (de agora em adiante citada como *WL* 1804-II).

9. *WL* 1804-II, p. 7.

10. *WL* 1804-II, p. 7-8.

11. WL 1804-II, p. 11.

12. WL 1804-II, p. 21-2.

RESUMOS

This paper offers an analysis of Fichte's reception of Kant's idea of transcendental philosophy focussing on the influence of this idea on the development of Fichte's Doctrine of Science (Wissenschaftslehre). It is argued that the Kantian idea of transcendental philosophy proposes a concept of philosophy that in fact corresponds with Fichte's concept of philosophy as Wissenschaftslehre, i.e. philosophy as unity of gnoseology and metaphysics. Furthermore, it is shown that Fichte's reception and interpretation of Kant occurs in the line of a critical prolongation of the transcendental perspective; and that the horizon of thought within which Fichte reads and accepts the novelty of Kant's philosophy is opened thanks to the postulation of the primacy of practical reason, i.e., the recognition of the central role of freedom in critical philosophy. Accordingly, the Doctrine of Science represents neither an overcoming nor an alternative to transcendental philosophy. The Doctrine of science must be understood rather as transcendental philosophy completely systematized and clarified in its intrinsic principles.

ÍNDICE

Keywords: transcendental philosophy, privacy of practical reason, Kant, Fichte

AUTORES

MARCO IVALDO

Università degli studi "Federico II" di Napoli